

# ZIG/JAC: MAG

## Razão de um Percurso

Falatório 2013 – Seção 4

### MD Magno

Realizado no auditório da Universidade  
Candido Mendes Ipanema, 13 ago 2013.

**23.** Como sabem, em nossa consideração, a Lei que rege o que há, o Haver, diz: *Haver desejo de não-Haver*. A Lei do Haver é pura **Pulsão**, no sentido freudiano de Pulsão de Morte: toda Pulsão tende para seu esgotamento. Isto no sentido do que, mais ou menos contemporaneamente a Freud, foi percebido pela física como segunda lei da termodinâmica, que é a lei da Entropia. A psicanálise não precisa desta lei, mencionei-a apenas para fazer correlação. Portanto, toda Pulsão é de extinção. Disse também que o Haver, o que quer que haja, em sua plenitude, é homogêneo. Ou seja, para nosso percurso, temos que fazer a suposição de que o que há – e não estou falando de universo, pois este é muito pequeno diante do que há –, lá na última instância, é tudo a mesma coisa. Os físicos cada vez mais se aproximam desta percepção, desta concepção e mesmo da possibilidade de demonstrar que, lá, é uma coisa só.

Acontece que, se a Lei do Haver é desejo de não-Haver, o Haver vai quebrar a cara porque o não-Haver não há. Ou seja, o

Haver deseja o Impossível. Porque o deseja e não tem como consegui-lo fica no eterno pedido desse não-Haver que não será conseguido. Então, se aquilo que é desejado não será conseguido pelo Haver, acontece que a *simetria* de isto querer seu oposto, de isto querer aquilo, de Haver querer não-Haver, esta simetria se quebra. Arremedando da física, chamo esse acontecimento de **Quebra de Simetria**. É como se ela estilhaçasse o Haver e ele começasse a repeti-la em seu interior e, portanto, começam a aparecer as diferenças, a enorme quantidade de *formações*. E isso, depois, outra vez, vai tentar ir para seu lugar de não-Haver, de desejar não-Haver, não conseguir, espatifar-se, retornar... Esta é nossa hipótese e de muitos especialistas em cosmologia. As sucessivas quebras de simetria vão constituir a imensa multiplicidade de formações dentro do que chamamos Haver.

Podemos, portanto, considerar o Haver como A formação. E às formações que aparecem dentro dele por causa mesmo daquela quebra de simetria, chamo de **formações do Haver**. Assim sendo, o que quer que haja, de qualquer índole, de qualquer nível, de qualquer porte, é uma formação do Haver. Isto é bom porque generaliza nossa nomenclatura. O que quer que compareça é uma formação do Haver, dos mais diversos tipos: psíquica, material, de fato. Tudo pertence ao Haver, nada há fora dele. O interessante é que, na concepção desta psicanálise, qualquer formação, pelo simples fato de ser uma

formação – e, portanto, ter limites e ser diferente de outras formações –, se estrutura e se organiza como o que chamamos de **sintoma**. Isto porque é limitada, tem resistência e é mais ou menos paralisada no tempo. Podem chamar de *sintoma* qualquer formação que pensarem, pois ela não difere em nada dos sintomas que portamos por questões patológicas – os quais são também formações fechadas, estacionárias e justamente nos prejudicam por resistirem à modificação.

**24.** Consideramos também qualquer formação do Haver, de qualquer tipo, como: uma articulação de outras formações, formações de formações de formações... Até chegar onde a homogeneidade se encontra: onde, em última instância, tudo é a mesma coisa. Qualquer formação, portanto, é formação de formações conseguidas modalmente. São modos de articulação, são conseguidas mediante muitas articulações: uma coisa se articula com outra, com outra... Quando falamos *articulação*, usamos o mesmo radical ART que está em: arte, artifício, artefato. No final, tudo resulta em articulação, é arte: a arte de articular, compor qualquer coisa. Assim, o que o hábito na filosofia e nas ciências humanas chama de natureza – *natura*, em latim, *physis*, em grego – estou chamando de **artifício espontâneo** para evitar confusões de nomenclatura. A natureza é tão artificial quanto qualquer artifício. Ela é articulada, ela se articula, ela é um artifício. Não é preciso de artífice para haver

um artifício, ele se articula por si mesmo. Então, qualquer coisa que encontremos “*in natura*”, como se dizia, é um artifício espontâneo, ou seja, é resultante de articulações que vão formando formações.

No seio da pletora de formações espontâneas que já encontramos desde sempre por aí, emergiu, sabe-se lá por quê, uma formação especial chamada **vida**, desde a mais rudimentar à mais complexa. Supomos que a mais complexa conhecida seja a nossa. É uma suposição, não sejamos arrogantes, pois não sabemos o que há por aí. Então, nessa tal vida apareceu uma complicada e complexa que é a nossa, chamada de *vida humana*. As espécies chamadas de vivas não são formações inertes, como supomos serem uma pedra, uma montanha, um planeta. Ao contrário, elas são cheias de arte, cheias de possibilidade de articulação. Elas têm comportamentos próprios, isto é, têm modos de articulação para além das espécies mais estacionárias que não são vivas.

As formações chamadas de vivas, diferentemente das demais, têm uma constituição específica, própria, que nos permite perceber nelas *dois modos de funcionamento*. Podemos, pois, numa ameba, num ser humano ou em algo que inventamos, distinguir pelo menos heurísticamente dois modos de articulação. Há uma formação que dá, digamos, a *arquitetura* de sua incorporação. Aquele bloco vivo – uma ameba, uma pessoa, um boneco humano – tem uma formação que é responsável por

sua arquitetura. E há também outra formação que dá o *modo de funcionamento* da arquitetura assim constituída. É como se fosse um programa comportamental: os seres vivos têm programação de comportamento. Para nosso uso, chamo a primeira formação, que é a arquitetura do ser vivo, de **Autossoma**, digamos, o próprio corpo. À segunda formação, que é responsável pelo programa de comportamento, chamo de **Etossoma**, o corpo comportamental. Não estou dizendo que no ser vivo, naquela formação, naquela arquitetura, tenha dois pedaços, pois pode estar tudo misturado, e sim que há a *in-formação* que é responsável pela constituição do boneco, em nosso caso, e outra responsável pelos funcionamentos desse boneco. Posso distinguir essas duas formações até no momento de estudá-las. Posso tomar um ser vivo que esteja morto e entender sua constituição biológica, sem funcionamento algum, e posso também estudar só o funcionamento, o comportamento, deste ser vivo. Estou distinguindo porque, para nós, esta distinção é importante como ferramenta teórica.

Qualquer formação viva é, portanto, constituída de autossoma e de etossoma. Ou seja, podemos dizer aproximadamente que a compleição física seja o *hardware* do ser vivo, e o programa funcional, o programa de funcionamento, comparativamente, seja o *software*. Nada parece impedir que, espalhados pelos universos possíveis, existam outros sítios de vida ou outras formas semelhantes, embora diversas. Ao

conjunto dessas formações que são espontâneas, dadas, já as encontramos aí, não foram feitas por nós, dou o nome de O **Primário**, que é: autossoma + etossoma. É uma nomenclatura para fazermos distinções e designar que o boneco – uma pessoa, mas também um cachorro, um gato, um cavalo – tem uma constituição biológica e tem muitas informações comportamentais que já nasceram com ele. Esse Primário, em nosso planeta, é comum a todos os seres vivos, todos o têm. Ele tem sido estudado tanto em sua formação autossomática, que ciências como a Biologia abordam, quanto em suas formações etossomáticas, que geralmente são entregues ao que chamamos de psicologia animal, a Etologia. A psicologia animal tenta entender apenas o etossoma: como esse animal funciona, quais são seus comportamentos, que são extremamente programados. A alta complexidade de certos animais permite uma elasticidade grande do etossoma, eles até aprendem coisas, parecem gente, mas não são, pois aquilo é limitado e eles não chegarão aos lugares onde temos chegado. Mas a etologia está crescendo, pesquisando em campo espécie por espécie, buscando descrever qual o programa que faz tal espécie funcionar e como se comporta.

**25.** Mas há algo que aconteceu conosco, para bem ou para mal. Neste planeta, surgiu um fenômeno suplementar. No seio das formações vivas, apareceu uma extrapolação que resultou em

algo assaz diferente: nossa própria espécie – que nós mesmos chamamos de *humana* (isto é, que veio do barro, nasceu no meio desse lodo da terra). Nada parece impedir que este acontecimento também se tenha dado em outros ditos universos, ou neste mesmo, seja qual for sua constituição, de base carbono como a nossa, ou não. Somos uma constituição viva de base carbono, mas lá sei se nos universos por aí não há seres parecidos conosco que sejam de silicone, de lata... Ou mesmo que possamos produzir alguém semelhante a nós feito de matéria plástica...

Chamo de **IdioFormações** estes seres emergentes que são diferentes dos outros que têm apenas autossoma e etossoma. Estejam eles aqui no planeta ou em qualquer lugar, chamo assim para evitar misturar os nomes e dizer que também são humanos. Eles podem ser muito esquisitos, tão esquisitos quanto nós: onde encontrarmos algo que emergiu parecido conosco, em qualquer lugar dos universos possíveis, essas entidades – digamos, os humanos de lá ou os humanos de cá, nós inclusive – serão as IdioFormações. Trata-se, então, de descrever o que é uma IdioFormação que, em nosso caso, virou gente e chamamos de humanos. Nossa espécie, a dita espécie humana, é uma IdioFormação que pintou espontaneamente – não foi fabricada – neste planeta. Mas qual foi o acontecimento no seio do vivo, no seio das possibilidades de vida, que resultou em IdioFormações como a nossa? Seja qual for o motivo – grande complexidade

biológica, ou qualquer outro fenômeno –, no seio mesmo dessas novas formações vivas, no seio mesmo de nosso Primário (autossoma + etossoma), apareceu outra formação ainda mais nova, para além de autossoma e etossoma.

O esquisito é que todos os seres vivos têm autossoma e etossoma, mas pinta uma espécie que tem isso e mais alguma coisa, alguma formação que as outras espécies não têm – o que a faz diferir radicalmente das outras. Podemos estudar semelhanças genéticas, etc., mas as outras espécies jamais, até agora pelo menos, deram algum salto genético para incluir a formação que nos produziu. Continuam todas, na melhor das hipóteses, animais superiores, como chamamos nossos primos macacos. Hoje, temos certeza de que essas formações esquisitas como as nossas vieram a funcionar cerebralmente com uma formação mais recente que não está nas outras espécies. É um modo de funcionamento diferente, que não pertence ao etossoma, e que chamo de **Princípio de Catoptria** (do grego *katoptron*: espelho). Então, esta nossa espécie tem alguma coisa muito louca dentro da cabeça que funciona o tempo todo – quando funciona, pois, às vezes, fica recalcada, não se movimenta – como se fosse um espelho. Não é aquele em que vemos a imagem. Este aí é o chamado especular. O catóptrico funciona como o espelho, e não como a imagem diante do espelho.

Se analisarmos a geometria de funcionamento específico de um espelho, veremos que o que quer que se coloque em sua frente, ele vira pelo avesso. Não nos damos conta disto porque ficamos encantados com as imagens, mas o espelho, qualquer espelho, vira tudo ou parcialmente pelo avesso. Os espelhos que usamos viram parcialmente: se colocamos a mão direita aqui, lá é esquerda, ou seja, virou a luva pelo avesso. Mas é possível conjeturar e produzir, até mesmo em laboratório, espelhos muito mais eficazes, que viram pelo avesso totalmente qualquer coisa que lhes apareça, e não só as imagens como faz o espelho plano que usamos cotidianamente. O Princípio de Catoptria é algo em nossa mente que, quando funciona – pois não funciona sempre, e depois veremos por quê –, diante do que quer que compareça, ele pode achar que é o contrário, ou, pelo menos, pode exigir o contrário. *Esta é a nossa loucura*: o que quer que apareça para uma IdioFormação como a nossa, em qualquer lugar, tem a possibilidade, a disponibilidade de ela achar exatamente o oposto, seu avesso.

Geometricamente, isso funciona como se fosse um ponto situado em uma superfície que tem um lado apenas, como, por exemplo, a *banda de Moebius*. Na matemática topológica, existem superfícies que não têm duas faces, só têm uma: quando estamos em um lado, corremos, passamos para um suposto outro lado e verificamos que é o mesmo. Isto significa que esta superfície unilátera tem a mesma característica de um espelho. É

a brincadeira de Lewis Carroll em *Alice através do espelho*: se percorro infinitamente uma superfície que é espelho – enquanto espelho: não o vidro, e sim a ideia de espelho –, vou chegar ao mesmo outro lado, pois não há outro lado, é o mesmo. Nossa mente funciona assim, por isso ela revira. Nas superfícies que são de um lado só, chamadas uniláteras, ao tomarmos um ponto girando, orientado para um lado, direito, por exemplo, ele passeará e quando chegar ao suposto outro lado, que é o mesmo, estará girando ao contrário. Esta é a mágica, é o que a nossa mente faz. Se estamos funcionando para cá, de repente, aquilo vira ao contrário, não sabemos mais por que estávamos pensando uma coisa e aquilo virou ao contrário: amo tanto aquela pessoa que, de repente, quero matá-la – é o mais frequente...

**26.** Surgiu, então, um aparelhinho suplementar na estrutura cerebral da espécie das IdioFormações, inclusive a nossa. É essa formação unilátera, como uma banda de Moebius, que nos permite considerar igualmente e mesmo em equivalência todas as oposições. Hoje, está absolutamente compreendido que nossa mente pode considerar com equivalência toda oposição: ela se perde e está no lado contrário. Basta observar o que acontece em sonhos, em distrações. No começo da obra de Freud, há um texto seu que considero da maior importância por apontar para isto, que é *O sentido opositivo das palavras primitivas*. Para

além dos aparelhos distintivos de todas as linguísticas constituídas, Freud percebeu que, quando vamos chegando a línguas muito próximas de sua emergência, há uma quantidade enorme de palavras que – as mesmas palavras – querem dizer isto e seu oposto. Não tratarei disto agora, mas, como parêntese, quero dizer que faço a suposição, e tem dado certo teoricamente em meu desenvolvimento, de que **nosso funcionamento mental – digamos, pré-linguístico – é bífido**. Ou seja, todas as palavras têm sentido opositivo, mesmo que não existam essas palavras. Elas comparecem no mundo em oposição porque o mundo é partido, mas nossa mente não é originariamente cindida, ela vai se cindir na relação com as cisões do mundo. Isto é algo que daqui a pouco estará não apenas comprovado como estará atualizado tecnicamente pelo que chamamos de computação quântica.

Assim, para simplificar, para ficar mais brasileiro, ou mais culturalzinho, chamo de **Revirão** esse aparelhinho suplementar na estrutura cerebral da espécie das IdioFormações. Se tomarmos qualquer ideia e a levarmos longe demais, se não a estancarmos, ela vai parar justamente do lado oposto. O que costumamos fazer é o que faz um filósofo: ele pensa, pensa e para, pois, se continuar, virará pelo avesso. O Revirão, esse acontecimento no seio do vivo, essa emergência completamente nova, é ele, a existência dessa maquininha, que é responsável pela existência das IdioFormações. Elas têm o Revirão, as outras

espécies não têm. Chamo, então, o Revirão, esse funcionamento, a nossa origem, de **O Originário**. Lembrem-se de que falei do Primário, com autossoma e etossoma: o boneco e seu funcionamento, que também pode ocorrer no animal. Nesta espécie das IdioFormações, tem também o boneco com suas programações, mas tem o Revirão que subverte todas as programações (não com muita facilidade, diga-se). Isto porque essa maquininha em nossa mente subverte as condições que os outros animais têm de só terem Primário e não terem o Originário. Por isso, fizemos tudo que fizemos, essa loucura que é a espécie humana. O Originário é a verdadeira origem desta espécie enquanto radicalmente diferente das demais de nosso planeta. Então, dentro do Primário, aconteceu alguma coisa que deu origem a esta espécie. Nada cai do céu, esta coisa está sendo estudada seriamente em vários campos e, embora pouco se saiba ainda, um dia vai-se dar conta dela concretamente.

**27.** Repetindo, dentro do Primário, com autossoma e etossoma, alguma construção nova, alguma formação nova, emergiu que chamo de Originário, o qual tem a competência de revirar – embora, como disse, não fique revirando o tempo todo – o que quer que compareça para ele. Assim, além de nos dar origem, a disponibilidade de exercício do Revirão desloca de tal maneira nossas articulações cerebrais – mesmo aquelas que tenham sido herdadas como etossoma – que, a longo prazo, acaba fazendo

emergir outra e mais nova formação ainda, que chamo de O **Secundário**. Ele não é senão a nossa competência de articulação linguageira e de produção cultural. Ou seja, ocorreu dentro de um *Primário* a emergência de um *Originário* capaz de revirar qualquer coisa, o qual, no que foi tendo chance de revirar, foi se transformando em nossa estrutura mental – e cerebral mesmo – em algo que chamamos de *Secundário*, que é: começamos a falar, a produzir uma existência completamente constituída, que não havia *in natura*, que não havia como artifício espontâneo. Lacan chamava uma parte dessa nova formação que chamo de Secundário de *Simbólico*. São todas as nossas articulações mentais, linguageiras, intelectuais, etc. Elas são o resultado da subversão das formações primárias pelo Originário, produzindo, secretando, o Secundário, essa loucura que é nossa produção infinita de cultura.

Temos, então, um Primário, feito de autossoma e etossoma. Nasce nele um Originário, inteiramente subversivo, que, com muita dificuldade, consegue deslocar a estupidez do Primário (pois ele é paralisado e resistente). A formação originária começa a subverter, leva milênios e secreta o Secundário, o qual resulta nisso que esta aí no planeta hoje. Pode ser que em outros lugares do universo existam coisas mais loucas que aqui, mas não acabamos, ainda temos muito para enlouquecer. Por mais interessantes e inteligentes que sejam, os outros animais não têm cultura. Eles são inteligentes, mas

*inteligência* é outra coisa, é capacidade de articulação dentro dos limites. Em certos campos de ciência, alguns autores falam em cultura animal, mas o animal jamais produziu cultura. Ele pode ter um etossoma de tal tipo que funciona fazendo coisas que achamos espantosas, pode até aprender uma coisa a mais, no entanto, não passa daquilo, não é um produtor de secundariedades. Sua elasticidade é pequena, ele não revira, não inverte as possibilidades. Inverter as possibilidades é: a espécie humana apareceu e havia *noite e dia*, ela fez muita maluquice e começou a fazer a noite ficar clara, o dia ficar escuro, inventou a eletricidade, etc. Isto, para reverter o que o artifício espontâneo lhe dava. A espécie quer o contrário e, mediante a formação originária que é sua competência, movimenta o Secundário que dá a volta e vai interferir no espontâneo para transformá-lo a seu favor. Tanto é que estamos sentados em uma sala com luz elétrica, microfone, ar condicionado, roupa, isto é, toda essa maluquice que não vi macaco algum fazer. Aliás, macaco é gente séria. Nós, os hipermacacos, é que não temos programação definitiva.

Nas lutas políticas contemporâneas por diferença, por expressão própria, é difícil as pessoas entenderem isso que para um Freud, por exemplo, já estava claro, que esta espécie não tem marcação definitiva, ainda que tenha algumas marcações etológicas. Não temos sentido, não sabemos o que estamos fazendo aqui. Cachorro sabe e *cachorra* o dia inteiro. Às vezes,

somos até cachorro, cavalo, burro, veado, qualquer coisa – não sabemos o que somos.

**28.** Acontece um fenômeno que era de se esperar. Apesar de termos a emergência do Originário produzindo um Secundário riquíssimo, complicadíssimo, isso não sai funcionando com essa beleza e essa facilidade, pois as formações já oferecidas espontaneamente pelo artifício espontâneo, chamado de natureza, são formações e muito sólidas. Toda formação, como disse, é sintomática, reativa e reacionária, não existe formação gracinha. Espinosa chamava isso de *conatus*, ou seja, qualquer formação resiste à sua modificação. É o que está na teoria dos sistemas: todo sistema é resistente – tanto é que ele *siste*, consiste e resiste. Então, as formações, já que compareceram como formações, insistem em sua forma. São, portanto, formações sintomáticas, reativas, reacionárias e resistentes. Elas resistem a quê, em nosso caso? Ao movimento do Revirão. E, no que resistem, estão **recalcando** nossa possibilidade de reviramento. Recalcar significa que a coisa quer revirar, mas há uma resistência que segura. Um recalque é aquilo que evita que algo se desloque: o recalque é uma estupidez, uma paralisia.

Tivemos, então, a oportunidade de Revirão, de produção de Secundário, mas **há uma fortíssima pressão recalcante do Primário**. A possibilidade de modificarmos está mais ou menos opressa, oprimida, pelas formações primárias porque, antes

ainda de articular com certa competência uma possibilidade de mudança no Primário, se não articular muito bem, farei de tal maneira que destruo o Primário. O boneco reage, se não, vou matá-lo. Seria bacana se pudesse passar por dentro do fogo, mas o boneco diz: “Não dá! Queima”. E isto é um recalque. A criança fica encantada e quer colocar a mão no fogo. Se colocar, verá logo aparecer um recalque concreto, não é preciso ninguém lhe dizer. Aliás, é melhor falar antes, recalcar na palavra, se não, ela vai se queimar. O recalque é uma formação mais rígida, mais parada, que evita que as coisas se desloquem. O Primário, então, feito de autossoma e etossoma, não quer mudanças, pois está se defendendo, e coloca logo defesa para sobreviver. Está aí o que chamo de **Recalque Primário**, que tem uma pressão enorme sobre nós.

Porque temos Originário, começamos então a produzir, como Secundário, formações novas, aparelhos simbólicos, culturais que não foram dados, e sim inventados por nossa espécie. Inventamos também aparelhos secundários para nosso uso, para a tentativa de bem-estar, mas esses aparelhos secundários vão se decantando, começam a ser usados e a fundamentar ou constituir o que chamamos de *cultura*. Nossa cultura se comporta assim e assado, come isto e não aquilo, não faz tais coisas, tais atos são impróprios. A cultura do lado inventou outro sistema e o achamos esquisito porque pensamos que o nosso é o verdadeiro. Quando decantamos culturalmente

as formações secundárias, elas começam a imitar as primárias, como se fossem naturais, espontâneas, mas elas não são espontâneas, e sim **Artifícios Industriais**, produzidos por nós. Há, portanto, os artifícios espontâneos, que podemos chamar de natureza, se quisermos. Depois, aparece o Originário, o qual produz o Secundário, que, por sua vez, produz formações sintomáticas, que começamos a usar e elas começam a nos oprimir, igualzinho como se elas fossem um animal. Ou seja, é mais recalque: o pobrezinho do Originário, que já tem um monte de recalques primários, vai agora sofrer os recalques secundários. Vejam que, para dar uma virada, é um esforço enorme. E quando alguém dá uma virada, ficamos desconfiadíssimos, pensamos que é doido, que é melhor colocá-lo na fogueira, pois pode estragar a espécie toda.

Vejam que tristeza: passamos do etológico dos animais, dos comportamentos espontâneos dados por natureza, ao que chamo de **Neo-etológico** de nossa espécie. Isto é terrível, pois, além da pressão recalcante do etológico, de nossa parte animal dada, mediante o Secundário constituímos cultura e ficamos apegados a ela como sintomas: os sintomas começam a nos recalcar e viramos um animal de espécie nova. Não ficamos na disponibilidade de aceitar ou incluir qualquer possibilidade, viramos um bicho com nome. São neo-animais que têm nome e são capazes de fazer guerra, matar um ao outro para saber qual animal está certo. Dado, então, que hoje as coisas estão se

aproximando por pressão tecnológica, começam a aparecer diferenças, conflitos, guerras terríveis, entre neo-espécies humanas. Do ponto de vista secundário, são novas espécies. A chamada humanidade é tudo igual, é da mesma espécie, esse negócio de raça é besteira, uma porcarizinha diferente que resulta numa ou noutra cor. No entanto, vem o Secundário que produz o quê? Isso que chamamos de cultura que, na verdade, são novas espécies do ponto de vista do Secundário. E querem funcionar como espécies diferentes. Não podem suportar a presença do diferente, pois este não pode ser igual a eles. Tribos muito primitivas se chamam de gente, as outro não o são. É igualzinho a como funciona a luta de religiões, de culturas, de Estados.

Portanto, sem referência à possibilidade do Originário de deslocar as formações secundárias, e até de deslocar as formações primárias mediante construções tecnológicas, científicas, viramos um animal completo. No atual momento da história desta espécie, estamos numa situação difícil, pois está havendo uma refrega, uma aproximação entre esses animais diferentes. Eles se estranham e querem guerrear, ao invés de achar engraçado e ver que são diferentes também. Não pensam: “Quem sabe, a gente não come isso também”. Isto seria o que chamo de **Heterofagia**. Ao contrário, começa logo a aparecer o *Irch!* e o vômito. As novas espécies secundárias são constituídas como formações, como organizações sintomáticas, que são

apenas composições ideológicas. Não aparecendo composições ideológicas, começo a crer que aquilo é a verdade para todos, que todos deveriam se submeter à verdade da minha besteira, e passo a impor minha besteira a todos os outros. Como os outros não querem, então vamos à guerra. Eu gostaria de saber por quê.

Então, pelo fato de tomarmos como referência as formações recalcentes do Secundário, o que acontece espontaneamente são as guerras. Este é um dos motivos de as pessoas não estarem sabendo resolver os problemas contemporâneos de conflito. Precisamos entender que, apesar dos discursos de bonzice, de democracia, de amores religiosos, o mais direto de nossa espécie é o racismo e a xenofobia. É por aí que começamos, não vamos nos enganar. Como há uma enorme pressão recalcente do Primário e do Secundário, e como as pessoas não fazem análise, qualquer tipo de análise, para poderem sair desse fechamento, é preciso lembrar que, quando encontramos o diferente, a primeira tendência é racismo e xenofobia. Se não houver referência a um aparelho dissolvente dessas formações sintomáticas – vamos dar um nome mais adequado: dessa *neurose* que vivemos cotidianamente –, a primeira abordagem será conflituosa. Não saímos aceitando o diferente. Primeiro, o rejeitamos. Assim, se não tiver a noção de que minha fonte de recalque me empurra para esse tipo de situação e de que preciso me referenciar à minha *origem*, que é

de disponibilidade e de acrescentamento, a guerra será permanente.

Espero que tenha ficado um pouco clara a introdução que fiz dos conceitos de *Primário*, *Secundário* e *Originário* para, da próxima vez, eu poder mostrar algo – que, aliás, está um pouco velho, já estou cansado de repetir essa besteira da década de 1990 – que introduzi como ideia de um processo não só pessoal, de cada um, como também de um processo histórico baseado no pensamento da psicanálise enquanto entendimento de sintomas, e que pode servir para compreendermos a ordem conflitual de nosso momento histórico. Desenvolverei tudo que apresentei para mostrar como as formações absolutamente sintomáticas de Primário e Secundário, que não conseguem muita referência no Originário, têm um procedimento histórico na vida de cada um e na história do mundo. Esta é a leitura que a psicanálise pode fazer. Nosso tratamento é sintomático, e não sociológico ou político. Há que entender o que está acontecendo pelo entendimento das formações sintomáticas. Da próxima vez, então, vamos tratar de nosso périplo histórico, tanto pessoal quanto da espécie, e do presente conturbado que atravessamos. Tentaremos nos orientar um pouco sobre o que acontece hoje entre os humanos neste *Planeta dos Macacos Sem Sentido*.

29. ● P – *Por que, em nossos diálogos mais acalorados, queremos a tal razão? E quando damos a razão ao outro, ele não sabe o que fazer com ela, não consegue mais conversar.*

Por uma *razão* simples: todo mundo tem razão, quem não tem razão? Se embarcamos na sequência do pensamento da pessoa, percebemos que ela tem razão. O mito de que a razão universaliza, é só mito. Como a razão é fracionária, tomamos certo fluxo de pensamento, certa onda de racionalidade e temos razão. Outro toma outra onda, e também tem razão. Havia um sábio chinês que era rei. Numa audiência, alguém lhe conta certa situação e diz que lá estava para solicitar tal coisa porque achava que tinha razão. O rei diz que ele tem toda a razão. Mas outro que também lá estava diz que pensa o contrário porque está em conflito com o primeiro. O rei diz que ele tem toda razão. Então, alguém diz: “Como assim? Um fala uma coisa, outro fala o contrário e você diz que todos têm razão?” E o rei diz: “Você também tem razão”. Quem não tem razão? O mito da racionalidade universal é uma besteira do Iluminismo. Compramos um sintoma de determinada postulação teórica ou filosófica e queremos que funcione, mas só funciona para quem acredita. Não há motivo algum para haver uma função universal. *Universal* é vontade de imposição. Basta lembrar da diatribe sobre os universais na Idade Média, em que ficavam lutando para, finalmente, terem universais. Onde? Não há universais. O que temos são coisas muito frequentes. O mundo tem certas

frequências que nos dão a impressão de que ele é constante. Então, se oferecemos a razão ao outro, ele se perde. Vai fazer o quê com a razão que ele tem e não sabe manejar como um universal para nos derrubar?

Somos sábios ao dizer que o outro tem razão, pois ele se perde, não tem o que fazer com isso. E mais, se o diálogo continuar dando razão ao outro, se ele começar a se aproveitar dessa razão e for em frente, se for muito longe, ele se perderá e, de repente, vai parar de nosso lado. Só não nos perdemos porque paramos. Se sairmos desta universidade em que estamos e continuarmos andando, chegaremos ao lado oposto, mas, se continuarmos, chegaremos a esta universidade de novo, não é? O mito da racionalidade universal que há séculos vivemos no Ocidente é uma bobagem. Razão serve para alguma coisa? Sim. No meio de campo, posso utilizá-la para muitas coisas, mas é totalitarismo e vontade de poder supor que terei um princípio de universalidade que derrubará toda e qualquer outra posição.

● P – *Nossa mente como espelho é o que nos possibilita dizer sim e não?*

Apesar de todas as decantações sintomáticas, recalcentes, do Primário e do Secundário, o que existe de nosso específico é podermos dizer *não* em última instância. É a capacidade de dizer *não*. Se me aparece determinada coisa, posso dizer que não é isso que quero, mas exatamente o contrário. O *sim* é entrar em acordo. Já quando digo *não*, começo a criar. “Não é este o país

que quero para mim!” – é o que o pessoal está dizendo nas ruas atualmente. Mas o que eles querem? A esquerda, tão viciada em ideologia, fica falando que não sabe o que eles querem, pois não consegue entender suas demandas. Eles querem tantas coisas diferentes que não cabe no cofrinho da esquerda.

● P – *Por isso, o Amarildo, hoje, virou um porta-voz.*

Cadê o Amarildo? Isto é o importante. Como se somem com os Amarildos?!

● P – *O recalque, então, como força de fixar, de estacionar, de impedir que se coloque a mão no fogo, por exemplo, é para garantir a sobrevivência do boneco?*

Um recalque é haver umas formações do lado de cá, primárias, que não suportam o fogo e que, enquanto formações, recalcam as formações que tenho de vontade, de tesão, de botar a mão no fogo. Um recalque não surge do nada, tem que haver um bando de formações policiando e dizendo que não se pode, que não se deve, seja pelo motivo que for. Esta é, aliás, a função da polícia.

● P – *Mas se Haver deseja não-Haver, por que há essa resistência?*

É preciso esclarecer isto dentro do quadro que apresento. Poderíamos pensar que, se a Lei é *Haver desejo de não-Haver*, por que não se vai logo para o não-Haver? Porque o não-Haver não há. Todo Tesão é de Impossível. Por isso, a gente transa, transa, e não goza direito. Dá para tirar uma casquinha, mas não

era bem aquilo que queríamos. *Haver deseja não-Haver* é uma Lei terrível, pois pede o Impossível. Como não há o não-Haver, então há uma Quebra de Simetria: a coisa se esfacela em particularidades, que são fechadas, que são cacos. O caco não cresce para lado algum, ele fica fixado. As formações, então, por serem estúpidas e paralisadas, recalcam toda possibilidade de movimento. Basta ver como funcionam ciência e tecnologia. O cientista tem que fazer um enorme esforço teórico, depois laboratorial e tecnológico, para nos dar um antibiótico, por exemplo. É um percurso que se depara com algo que vem espontaneamente do Primário. E não adianta rezar ou fazer magia, pois não vai passar. Era, aliás, o princípio da magia no começo da espécie. Começamos fazendo gestos, a xingar, a fazer qualquer coisa para ver se o micróbio vai embora, mas ele não vai. Aí, damos uma volta e começamos a pensar *como* aquilo funciona. Este é um percurso secundário que vira uma técnica, uma tecnologia, para intervir no Recalque Primário e o desfazer.

● P – *O recalque é sempre construído?*

Não. É primário.

● P – *Então, já se nasce recalcado?*

Esta é a desgraça. Um bebê humano é aquele bonequinho que tem Primário, com autossoma e etossoma, e que também tem a condição de Revirão. No entanto, se sair revirando, ele é um bicho doido, ele morre. Por que ficamos tomando conta das

crianças o tempo todo? Porque, quando algo bate em sua competência de reviramento, elas não querem saber de nada, só querem meter a mão na tomada, têm o tesão de enfiar o dedo e o resto que se dane. Mas elas já nascem com o recalque, pois há coisas que elas não fazem, que colocam na boca e cospem. Há coisas em que o recalque é imediato, mas quanto a uma produção tão nova, tão tecnológica quanto a eletricidade, elas não estão pensando no elétrico, e sim no buraquinho que viram. Entretanto, o Primário lá está para recalcar. Se elas não recalcam porque alguém interveio dizendo para tirarem a mão, elas vão botar a mão, tomar um choque e ficar traumatizadas. Vejam que o chamado trauma pode ser por um lado ou por outro. É de trauma em trauma que vamos nos recalcando. Ou o fogo nos queimou, e vamos ficar apavorados sem poder ver fogo para o resto da vida a ponto de irmos ao analista e ele ter que dizer que podemos dominar o fogo, que podemos colocá-lo no fogão... Ou alguém disse para tirarmos a mão, que não pode, e paramos por acreditar que o outro nos está ameaçando feio.

É difícil entender a dinâmica das formações recalcentes, pois, para haver um recalque, é preciso haver algumas formações que embargam. Sempre que estamos diante de um recalque, devemos procurar as formações que lá estão recalcando. E é fundamental numa análise saber quais formações estão impedindo alguém de conseguir algo que, muitas vezes, é tão simples. Frequentemente, são formações

enormes que têm que ser demolidas anos a fio. As pessoas reclamam de a psicanálise ser tão longa, tão demorada, mas elas lá chegam com quarenta anos e querem resolver tudo em dez meses. São quarenta anos de estupidez – e não querem ficar mais quarenta anos para tirar a estupidez. Somos fundamentalmente estúpidos. Se não fizermos um esforço constante de dissolução, a estupidez acaba com a gente, paralisamos. Isto é que é uma neurose. Aliás, não gosto mais deste termo, pois nada tem a ver com *nervo* e nomes antigos, do século XIX, como psicose também, só prejudicam o entendimento. Chamo, então, de **Morfose Estacionária**: a pessoa é paralisada, não consegue mover coisas que estão atrapalhando seu movimento na vida.

O aparelho que estou expondo aqui é um entendimento dinâmico de lidar com o que quer que haja no sentido de compreensão das formações. É preciso entender a dinâmica das formações, quaisquer que sejam, primárias, secundárias e a originária. Se um cientista conseguiu condições de cura de determinada doença antes incurável, ele não as conseguiu porque ficou discutindo com as pessoas. O processo não é subjetivo, não há sujeito algum aí. Ele prestou atenção em como funcionam as formações para intervir no lugar certo e mudar aquilo. Este é o pensamento que resolve em qualquer lugar do mundo. Viemos de um século XVII completamente idiota, com a ideia de sujeito e coisas parecidas, que paralisaram o

pensamento. Isto, a ponto de, no século XX, o pessoal ainda estar usando este termo. Lacan fez um grande esforço para conceituar de maneira que o sujeito não fosse coisa alguma, mas continuou com a palavra. **Não falamos diretamente com pessoas, falamos com formações.** Muitas vezes, dizemos que “fulano não presta”... Há, sim, gente que não presta mesmo, chama-se: psicopata. Mas, às vezes, não é fulano que não presta, ele tem uma formação que não presta, as outras são boas. Se pararmos de considerar a pessoa e considerarmos as formações, poderemos pensar, por exemplo, que fulano é trinta por cento péssimo, mas tem setenta por cento ótimo. É uma maneira de pensar radicalmente outra que o século XXI está exigindo. Se não, não sairemos dessa.

● P – *Não é curioso o fato de papa Francisco, que esteve aqui há pouco, declarar em rede mundial que precisaria de um psiquiatra se morasse no morro Santa Marta?*

É uma postura decente. É dizer: sou igualzinho aos outros, um doido varrido. Se me puserem sozinho, eu piro. Acho isto perfeitamente normal, os outros que se dizem normais é que são mentirosos. O irmãozinho dele anterior, por exemplo...

● P – *Gostei dele quando renunciou.*

Ele foi brilhante.

13/AGO